

Índice

Prólogo	1
Contar Uma História	7
Envia-Me Alguma Coisa	59
Entre o Eu & o Sistema	117
Epílogo	149
Agradecimentos	155
Fontes das Imagens	157

Contar Uma História
Voices, 1983

Conversa entre John Berger e Susan Sontag, gravada no dia 1 de fevereiro de 1983 e transmitida a 9 de fevereiro de 1983, no programa de televisão *Voices*, do canal britânico Channel 4, fita de vídeo tipo C, de uma polegada, do BFI.

VOICES



TO TELL A STORY...

Primeira Parte

JOHN BERGER

(para o público)

Boa noite. Desta vez, o programa vai ser ligeiramente diferente, por só estarem duas pessoas, a Susan Sontag e eu próprio, John Berger. A Susan e eu temos muitas coisas em comum, parece-me. Ambos escrevemos ensaios, sobre literatura e ideias. Ambos já trabalhámos em cinema. A Susan acabou de regressar de Roma, onde está a realizar um filme baseado num dos seus próprios contos. Eu também escrevo argumentos de filmes. Ambos já escrevemos bastante sobre a imagem fotográfica. E, por último, talvez o mais importante de tudo no que toca a esta noite, ambos escrevemos ficção, romances e contos. Esta noite, vamos trocar opiniões e experiências a propósito desta atividade — que, na verdade, é um pouco misteriosa —, a atividade de contar histórias.

JOHN BERGER

(virando-se para SUSAN SONTAG)

Quando penso em alguém a contar uma história, vejo um grupo de pessoas num círculo, e, em redor destas, um espaço vasto, bem assustador. Podem estar junto de uma parede ou à volta de uma fogueira, e, para mim, algures na própria ideia de história, há qualquer coisa relacionada com a noção de abrigo. O abrigo, talvez do peregrino, do viajante que tornou a casa, que viveu para contar a história, ou do soldado que regressou, que sobreviveu. Portanto, há quase uma sensação física de abrigo, em que a história representa uma espécie de habitação, uma espécie de casa. Mas depois, dentro da história, há outro género de abrigo. Porque o que a história narra e conta está dentro da história, protegido do olvido, do esquecimento e da indiferença quotidiana...

SUSAN SONTAG

(interrompendo)

Mas estás a falar de histórias numa sociedade muito, hum, remota, bastante diferente da nossa, porque, sem dúvida, a atividade de contar histórias é muito mais diversificada nas sociedades que conhecemos. Os pais contam histórias aos filhos. As crianças pedem histórias. Vemos histórias mediadas por imagens, como na televisão e no cinema. Lemos histórias impressas em papel. Quanto à definição mais arcaica de contar histórias, parece-me que realmente nos diz alguma coisa sobre o que imaginamos ser a origem de tal atividade, mas pouco sobre aquilo em que as histórias se

transformaram, creio, ou sobre qual é o desafio de contar histórias agora.

JOHN BERGER

Sim, concordo, mas não sei se alguma coisa dessa origem primitiva não persiste. Por exemplo, quando as crianças ouvem histórias, ou quando éramos pequenos e nos contavam histórias, onde acontecia? Na cama, nessa estranha terra de ninguém entre o sono e a vigília. E há qualquer coisa tranquilizante no ato de ouvir ou contar uma história. Além disso, coisa muito curiosa, quanto mais empolgante ou assustadora é a história, mais tranquilizante se torna. Porquê?

SUSAN SONTAG

Mas, John, não achas que as pessoas sabem distinguir entre uma história verdadeira e outra que é imaginada ou inventada? Chama-me sempre a atenção o facto de haver uma espécie de ambiguidade na própria ideia de contar uma história. Por um lado, pensamos em contar histórias como se fosse uma espécie de atividade de revelação da verdade — conta-me a história verdadeira. Pensamos que as histórias transmitem informação. Pensamos que as histórias revelam segredos. Nas histórias verdadeiras que vêm a lume depois da morte de alguém, por exemplo, porque a morte de alguém costuma ser uma ocasião em que se contam histórias sobre a vida dessa pessoa e é possível que venha ao de cima alguma verdade de que não se falava ou que, em geral, não se comentava antes de a pessoa desaparecer. Mas também associamos as

histórias a expressões como “é só uma história” ou “deixa-te de histórias”, querendo dizer: não contes mentiras. E não te parece que no próprio centro de todo o processo de contar histórias está uma atividade bifronte? Por um lado, relaciona-se com uma ideia de verdade. Por outro, com uma ideia de invenção, imaginação, mentiras. A história seduz-nos precisamente por descrever algo que não pode acontecer, que está ligado à fantasia. Também acho que é muito complicado, e o modelo do peregrino ou do soldado que retorna, que conta o que realmente aconteceu, trazendo notícias exóticas e narrando histórias tenebrosas, costuma ser apenas um dos modelos de contar histórias.

JOHN BERGER

Sim, sim. Não quero insistir muito nisso, e é provável que essas histórias fossem muito embelezadas. Sim, hum, a história existe algures entre a ficção e a verdade, concordo. Pensando diretamente na minha experiência pessoal de contar ou escrever histórias, parece-me que, para mim, elas começam, e têm de começar, como verdade. Por exemplo, não vou contar a história toda, mas uma coisa pequena... Um conhecido meu da aldeia em que vivo, um pastor, com cerca de cem ovelhas, apaixonou-se. Apaixonou-se por uma mulher, casada, de fora da aldeia, da cidade. Um longo caso amoroso, de dois anos, muito apaixonado, provavelmente com a conivência do marido. E a esta mulher, bem, deu muitas coisas — metade do que tinha, pelo menos, incluindo uma casa. Mas depois ela pô-lo fora de casa, e ele decidiu

morrer. Não se suicidou, fez uma espécie de greve de fome, e depois morreu. Quando agora penso nele, vejo-lhe a cara, as mãos enormes, os olhos. Isto é a verdade. Depois tentei escrever esta história...

SUSAN SONTAG

(interrompendo)

E então começaste a inventar.

JOHN BERGER

Comecei a inventar, mas tomando a verdade em consideração. Contudo, se funcionou, se funcionou realmente — não sei —, a história será lida como ficção, e também entendida como ficção, sobre uma história de amor não inteiramente correspondido. E porquê ficção? Porque vai existir simultaneamente em todo o lado e em parte nenhuma. É esta deslocação espaciotemporal que transforma alguma coisa em ficção, a meu ver.

SUSAN SONTAG

Mas porque a leriam como se se situasse em todo o lado e em parte nenhuma? Não a situaste na aldeia em que vives?

JOHN BERGER

Para mim, situa-se na aldeia. Mas, logo que lemos uma história, não, quando lemos histórias de outras pessoas, formamos uma ideia do espaço, integrando-o na nossa experiência e, por isso, deslocando-o do lugar onde realmente aconteceu, e parece-me que a ficção é algo